

FICÇÃO, HISTÓRIA E POLÍTICA EM “A TERRA DOS HOMENS SEM SOMBRA”, DE NELSON SAÚTE

Adriana Ortega Clímaco¹
Isabelita Maria Crosariol²

RESUMO: O artigo parte das relações entre arte e política, conforme conceituadas pelo teórico Jacques Rancière, para investigar o modo como o escritor moçambicano Nelson Saúte efetua, em “A terra dos homens sem sombra” (presente na obra *Rio dos bons sinais*, de 2007), recortes de tempo, espaço e de sujeitos e de objetos a fim de produzir um discurso literário que também é político. Investiga também, neste processo, a forma como o narrador problematiza, por meio de sua proposta de “contar uma história como se fosse uma lenda”, as relações entre ficção e história, realidade e invenção, e, com isso, propõe uma reflexão acerca dos conturbados fatos da história recente de Moçambique, sobretudo os ligados à guerra civil moçambicana.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção; história; política; literatura moçambicana.

ABSTRACT: This article departs from the relationship between art and politics, as it is conceptualized by the theoretician Jacques Rancière, in order to investigate the way in which the Mozambican writer Nelson Saúte does, in “A terra dos homens sem sombra” (from the literary work *Rio dos bons sinais*, published in 2007), time, space, subject and object cuts to produce a literary discourse which is also political. The article also investigates, in this process, how the narrator problematizes with his proposal of “telling a history as if it were a legend”, the relationship between fiction and history, reality and invention, and consequently proposes a reflection on the disturbing events of the recent history of Mozambique, mainly those linked to the Mozambican civil war.

KEY-WORDS: Fiction; history; politics.

A arte não produz conhecimentos ou representações para a política. Ela produz ficções ou dissensos, agenciamentos de relações de regimes heterogêneos do sensível. Ela os produz não *para* a ação política, mas no seio de sua própria política [...]. Ela os produz ocupando essas formas de recorte do espaço sensível comum e de redistribuição das relações entre o ativo e o passivo, o singular e o comum, a aparência e a realidade, que são os espaços-tempos do teatro ou da projeção, do museu ou da página lida.

Jacques Rancière

“Contarei esta história como se fosse uma lenda” (SAÚTE, 2007, p. 97). É com essas palavras que tem início “A terra dos homens sem sombra”, narrativa curta publicada no livro de Nelson Saúte intitulado *Rio dos bons sinais*, e que apresenta como pano de fundo o contexto da guerra civil moçambicana. No texto em questão, as relações entre a ficção e a

¹ Doutoranda em Letras Neolatinas – Língua e Literatura Hispânica pela UFRJ. Professora do IFSP – campus Jacareí. ortegaclimaco@gmail.com

² Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio. Atualmente realizando pesquisa de Pós-Doutorado pela UNIFESP-Guarulhos. Professora do IFSP – campus Jacareí. isabelitacrosariol@yahoo.com.br

história recente moçambicana são problematizadas por um narrador que ora nos faz crer que seu discurso resulta da ficcionalização do real (como no trecho anteriormente transcrito), ora incita o leitor a se questionar se essa ficcionalização de fato ocorreu. “Ainda hoje me confunde este enredo: não sei se é realidade ou fábula. Sei que eu tinha uma necessidade compulsiva de a contar como se [fosse] uma forma de exorcismo” (SAÚTE, 2007, p. 97).

A posterior afirmação de que o narrador chegara a uma aldeia cujos habitantes são desprovidos de sombra, parece, por sua vez, confirmar o traço efabulativo do texto e, conseqüentemente, dirimir eventuais dúvidas acerca da historicidade do conteúdo narrado. Contudo, como lembra Jacques Rancière, a “soberania estética da literatura não é [...] o reino da ficção. É, ao contrário, um regime de indistinção tendencial entre a razão das ordenações descritivas e narrativas da ficção e as ordenações da descrição e interpretação dos fenômenos do mundo histórico e social” (2009, p. 55). Desse modo, o discurso literário não seria marcado por uma “autorreferencialidade solitária da linguagem”, mas pela presença de recortes (de um tempo, de um espaço e de objetos) do mundo histórico e social, capazes de determinar

[...] uma forma de experiência específica, em conformidade ou em ruptura com outras: uma forma específica de visibilidade, uma modificação das relações entre formas sensíveis e regimes de significação, velocidades específicas, mas também e antes de mais nada formas de reunião ou de solidão. (RANCIÈRE, 2005, p. 2)

Na visão de Rancière (2005), é justamente ao promover esses recortes que a arte – e, portanto, a literatura – se torna política. Isso porque a politicidade de um texto não é determinada pelas mensagens que ele transmite ou pela forma como nele são artisticamente representadas as identidades, as estruturas sociais ou os conflitos políticos:

Se a arte é política, ela o é enquanto os espaços e os tempos que ela recorta e as formas de ocupação desses tempos e espaços que ela determina interferem com o recorte dos espaços e dos tempos, dos sujeitos e dos objetos, do privado e do público, das competências e das incompetências, que define [sic] uma comunidade política. (RANCIÈRE, 2005, p. 2)

Em consonância com o pensamento de Rancière, partirmos, neste artigo, fundamentalmente de três premissas: (1) não sendo autorreferencial, a criação literária obrigatoriamente apresenta elementos do mundo histórico social; (2) não podendo estar presentes, em sua totalidade, em um texto literário, tais elementos são submetidos a recortes por parte do autor, que decide o tempo, o espaço e os sujeitos/objetos a serem ficcionalmente contemplados; (3) ao realizar esses recortes, o texto literário revela uma dimensão política.

Objetivamos, assim, analisar, o modo como o escritor moçambicano Nelson Saúte efetua, em “A terra dos homens sem sombra”, recortes de tempo, espaço e de sujeitos e de objetos a fim de produzir um discurso literário que também é político. Neste processo, será também investigada a forma como também a forma como o narrador problematiza as relações entre ficção e história, realidade e invenção, ao expor fatos ambientados durante a guerra civil moçambicana.

O tempo

Publicada no ano de 2007, “A terra dos homens sem sombra” é marcada pela presença de um narrador autodiegético que faz referência a alguns fatos possivelmente ocorridos em sua vida em Moçambique na década de 1980. A veracidade das informações expostas é questionada pelo próprio narrador, incapaz de discernir se o conteúdo mencionado é real ou não, e que compreende a desconfiança dos leitores em relação ao que ele diz.

Provavelmente, muitos não acreditarão que ela é verdadeira, dir-me-ão que a inventei, que não existe a aldeia mítica, perdida na vasta savana de minha terra, chamada Tiko, onde apenas se chegava através de caminhos ínvios e cujos habitantes tinham uma singular característica.

Cheguei por uma dessas tardes banhadas pelo sol poente. Viera de uma longa caminhada como um verdadeiro fugitivo. Ao fim de tantos dias, da minha infinita caminhada no mato, perdido quase sempre, sem bússola, sem norte, chegara ao entardecer a uma povoação, onde se tocava o batuque e se dançavam coreografias sensuais à volta da fogueira. (SAÚTE, 2007, p. 97)

Na história moçambicana, o ano de 1976 marca o início do período em que “após um curto interregno por alturas da independência, voltou a irromper um conflito de grandes proporções, quer em termos de violência e destruição, quer de alcance geográfico” (COELHO, 2003, p. 175). Este novo conflito, resultante de um potencial de violência que se desenvolveu nos anos imediatamente anteriores e posteriores à independência moçambicana (ocorrida em 25 de junho de 1975), teve fim somente no ano de 1992, com a assinatura do Acordo Geral de Paz.

Torna-se bastante significativo, então, o fato de as memórias do narrador remontarem à década de 1980. É a eleição desse marco temporal que nos possibilita ter acesso a informações acerca dos perigos das estradas, dos constantes medos de ataques e das disputas entre a Renamo e a Frelimo.

Neste processo, se o discurso historiográfico dá tratamento linear ao tempo (apresentando os eventos em sequências cronológicas, buscando relações de causa e efeito), a ficção permite tratar livremente o tempo, quebrando-se assim a linearidade, através de analepses e prolepses textuais. Do mesmo modo, o ato de narrar rearticula experiências no tempo, libertando-as. Assim, quando o narrador rememora, ao invés de esquecer os eventos e abandoná-los no passado, estabelece, por meio deles uma relação, presentificando-os e os combinando segundo sua vontade. A memória emerge, portanto, na narração, articulando tempos, visto que “enxerga em conjunto aquilo que não se produz num mesmo tempo” (FONTES, 2000, s/p).

Na narrativa em análise, observa-se o tempo em duas vertentes: tempo narrado e tempo da narração. À referência temporal dos eventos, situados pelo narrador nos anos 1980, chamamos tempo narrado. Tais acontecimentos são narrados de modo não linear e sempre no passado. Já o tempo da narração (impossível de determinar com exatidão, mas certamente posterior à década de 1980) refere-se a todos os momentos em que o narrador explicita o tempo presente, o momento de elaboração da narrativa, em que comenta, metaficcionalmente, sua construção.

“Recordo ainda hoje as pungentes imagens que nos chegavam da chacina dos Matsangas” (SAÚTE, 2007, p. 98). No fragmento citado, é o termo “hoje” que marca o tempo da narração, enquanto a referência à “chacina dos Matsangas” remete o leitor para a década de 1980, momento do tempo narrado, sendo que ambos coexistem narrativamente; já por meio do emprego do advérbio “ainda” e do adjetivo “pungentes”, o narrador ressalta a marca que a experiência do massacre causou.

Com o emprego de expressões como “Não sei”, “Acho”, “Chegávamos a acreditar”, “Presumo”, o narrador põe em dúvida o conhecimento que possuía no tempo narrado. Isso porque somente no tempo da narração que ele possui elementos suficientes para dirimir as incertezas: “A esta distância é possível discernir” (SAÚTE, 2007, p. 99). O lançar luz sobre o passado, visto agora a distância, permite-lhe clareza sobre sua experiência.

Os eventos expostos em “A terra dos homens sem sombra” ocorreram durante a viagem feita pelo narrador ao interior do país, no período da guerra civil moçambicana, para participar de reunião familiar, mais especificamente no retorno. São descritos colocando em primeiro plano a visão da aldeia mítica, para posteriormente narrar como ele ali havia chegado:

Este estranho encontro com a aldeia onde se dançava ao anoitecer ocorrera quando na jornada de regresso para a capital, pela estrada nacional número 1, fomos surpreendidos por um ataque dos matsangas. Ou melhor: depois de escaparmos desse triste episódio. (SAÚTE, 2007, p. 98).

Assim, a não linearidade do tempo narrado resulta do tratamento dado aos acontecimentos pelo narrador, que os seleciona e reorganiza, servindo-se de vários processos de anisocronia, tais como analepses e prolepses textuais, de acordo com sua experiência, com a importância que a eles atribui, e com o modo como o tempo é concebido em sua sociedade.

A sequência cronológica dos fatos também é alterada quando, em meio ao relato do momento em que o chefe da aldeia comunica ao narrador a impossibilidade de sua permanência em virtude da ausência de cauda, ele se questiona sobre a ausência de sombra (por ele interpretada como sinônimo de cauda) dos habitantes da aldeia, e se recorda da tarde anterior à viagem, ocasião em que uma curandeira previu seu futuro (SAÚTE, 2007, p. 106). Evidencia-se, neste momento, que, até então, o narrador não havia compreendido a previsão e que, somente após passar pela experiência do ataque e rememorá-lo tempos depois, que parece então entendê-la:

Provavelmente, aquelas pedras pretas queriam alertar-me para o pesadelo que me esperava na viagem. Talvez elas significassem que iria sofrer um ataque. Uma emboscada. Acabei pensando que nem tudo fora muito mau, tinha ganho um irmão no meio do infortúnio. (SAÚTE, 2007, p. 107).

Após a digressão da recordação, o narrador retoma seu relato, mencionando a despedida de Constantino parecendo jogar com o tempo ao optar por narrar a partir de pormenores de ações futuras:

Na manhã em que eu ia abandonar a terra do Constantino, ele acompanhou-me até atravessar o riacho e apontou-me o sentido do caminho. O sol já despontara e brilhava. **Antes de o abandonar e de o ver acenar enquanto eu me perdia no horizonte**, abraçamo-nos e choramos. (SAÚTE, 2007, p. 107, grifos nossos).

As expressões destacadas marcam um modo de narrar que mescla temporalidades, causando efeito de calcar profundamente a recordação, visto que é ele, o narrador, quem tem o domínio sobre suas experiências no tempo e as pode visitar e narrar segundo sua vontade. Essa forma narrativa é constitutiva das sociedades africanas tradicionais, uma vez que, na percepção ancestral africana, coexistem passado, presente e futuro. O tempo é cíclico. Segundo Mia Couto:

O tempo é entendido como uma entidade circular. Nesse universo, apenas o presente é credenciado. A ideia de um tempo redondo não é uma categoria exclusivamente africana, mas de todas as sociedades que vivem sob o domínio da lógica da oralidade. Foi a escrita que introduziu a ideia de um tempo linear, fluido irreversível como a corrente de um rio. (COUTO, 2011, p. 123)

Esse modo de considerar o tempo passa a coexistir com a tradição. Desta forma, mito e história estão relacionados na narrativa. Nessa coexistência, o tempo não se revela como o tempo linear ocidental, voraz, urgente e eliminador do passado, mas valorizador das experiências do passado, da tradição. Rememorar, portanto, torna-se urgente, por isso a narrativa das reminiscências à luz do presente: “Entrelaçando os fios do tempo e do espaço, cria-se o tecido do mundo que articula a trama e a urdidura da existência” (OLIVEIRA, 2007, p. 245).

A imagem da espiral, movimento contínuo circular aberto, fornece melhor compreensão desse tempo. Segundo Leda Martins (2001), no tempo espiralar os eventos estão em processo de perene transformação, interligando presente, passado e futuro. Observamos, portanto, que se reafirma a ideia da transformação das experiências a partir da rememoração. A narrativa do tempo em espiral só é possível através da memória.

O espaço

Em meados do século XX, como uma forma e refutar a concepção então vigente de que a História era o estudo tão somente do “passado” humano, o historiador francês Marc Bloch (1992) preferiu conceituar a História como a ciência dos homens no tempo, sinalizando a possibilidade de se estudar historicamente também as ações humanas no tempo presente. Contudo, como lembra o professor José D’Assunção Barros,

[...] a definição de História, no seu aspecto mais irredutível, deve incluir ainda uma outra coordenada para além do “homem” e do “tempo”. Na verdade, a História é o estudo do Homem no *Tempo* e no *Espaço*. As ações e transformações que afetam aquela vida humana que pode ser historicamente considerada dão-se em um espaço que muitas vezes é um espaço geográfico ou político, e que, sobretudo, sempre e necessariamente constituir-se-á em espaço social. (BARROS, 2006, s/p, grifos do autor).

Ainda segundo Barros (2006), além de ocorrer em espaços geográficos ou políticos, as ações e transformações humanas podem ser vislumbradas em espaços imaginários (como da imaginação, da literatura, da iconografia) e até mesmo no espaço virtual (o único que não é

efetivamente explorado em “A terra dos homens sem sombra”). Essa percepção ampliada do conceito de espaço se por um lado acentua a interdisciplinaridade entre a História e a Geografia, também promove o estreitamento dos laços da História com a Literatura, a Psicanálise e a Semiótica. Ao consideramos aqui os recortes espaciais realizados por Nelson Saúte na narrativa estudada, não estamos restringindo, portanto, nosso olhar apenas aos espaços físicos referidos pelo autor, mas também considerando as dimensões social, político-ideológica e psicológica inscritas no texto literário.

As ações descritas em “A terra dos homens sem sombra” ocorrem predominantemente durante o retorno do narrador à capital Maputo. Morador da capital, ele havia se dirigido à província de Inhambane (situada ao norte da província de Gaza) para uma cerimônia familiar importante. A ida fora em coluna, ou seja, com a escolta de carros militares. Para a volta, porém, não havia escolta disponível, o que tornava a viagem mais perigosa naquele contexto de guerra civil. O gráfico a seguir oferece uma clara percepção dos altos níveis de mortalidade, na década de 1980, em algumas províncias moçambicanas, em virtude da guerra:

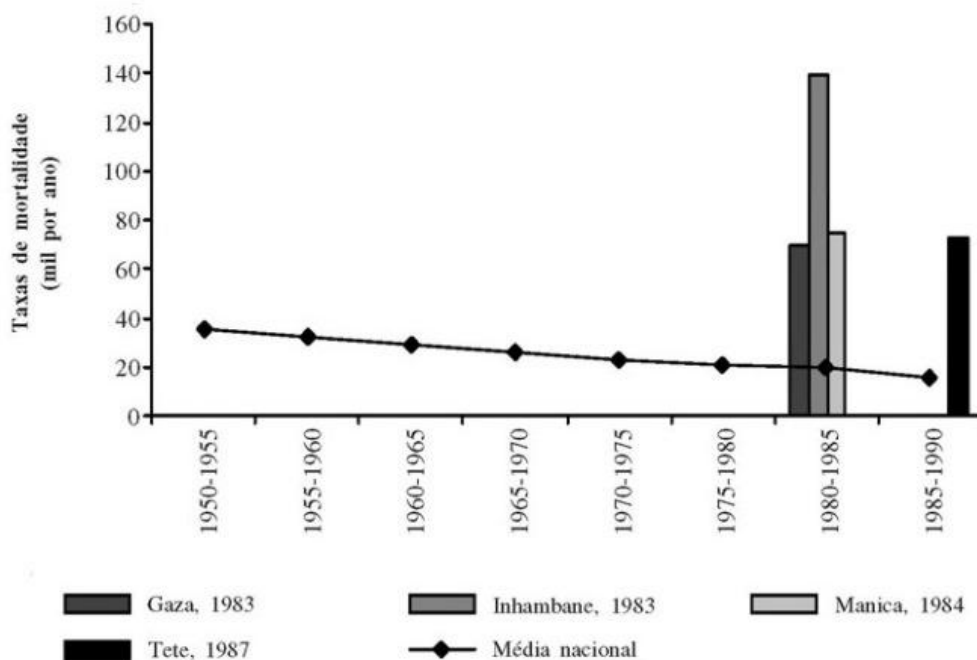


Gráfico 1 – Taxa de mortalidade (áreas afetadas pela guerra *versus* média nacional)
Fonte: BRÚCK (1998, p.1036)

Elaborado por Tilman Brück (1998) a partir de informações disponibilizadas por Cliff e Noormahomed e pela Comissão Nacional do Plano e Ministério da Saúde, o gráfico acima contrasta as taxas médias de mortalidade em Moçambique (considerando indivíduos de todas as idades) com as taxas de mortalidade de populações (de diversas províncias) diretamente afetadas pela guerra. Conforme Brück: “Enquanto a taxa de mortalidade nacional não aumentou durante os anos de guerra, as populações diretamente afetadas pela guerra tinham taxas de mortalidade 3,5 a 7 vezes maiores que a média nacional.” (1998, p. 1036-7).

No texto de Saúte, o trajeto da estrada nacional número 1 a ser percorrido pelo narrador em seu retorno à capital (estimado em 500 km) abrangia não apenas as províncias de Inhambane e de Maputo, mas também a província de Gaza, situada entre ambas. Conforme expõe Brück (1998), Inhambane e Gaza possuíram, no ano de 1983, altíssimos níveis de morte associados à guerra. A ficção dialoga, assim, com a História quando o narrador nos informa que, em virtude da guerra civil, eram bastante conhecidos, na década de 1980, os riscos de se atravessar a referida estrada, sobretudo quando as viagens não eram feitas com a escolta de carros militares: “Naquele tempo não havia concidadão meu que não soubesse: atravessar a estrada e não morrer poderia ser um sortilégio dos deuses. Mas tínhamos que viajar.” (SAÚTE, 2007, p. 98). A escolha narrativa por ser este o local das ações do narrador-personagem (e não outro) revela-se, portanto, bastante significativa. Não se trata de uma escolha casual. O desejo de falar de determinado espaço (atravessado por determinado indivíduo) e das ações que nele ocorrem, marcam a politicidade dessa escrita.

Apesar de saber dos riscos que corria em sua viagem, o narrado se mostrava, porém, pouco preocupado com a situação:

Acontece que, na rota ascendente, eu conseguira transpor a barreira psicológica da Maluana, da Manhiça [ambas situadas na província de Maputo], e a viagem se fizera, ao longo da estrada nacional número 1, no mais absoluto silêncio. Agora, na rota contrária, vinha mais animado, a despeito dos vestígios que a estrada revelava: de vez em quando víamos um carro calcinado, algum incauto que tentara atravessar aquele corredor da morte desacompanhado. (SAÚTE, 2007, p. 99)

No dia anterior à viagem de retorno, o narrador havia sido advertido por uma curandeira local (da terra de seus antepassados) acerca de possíveis percalços em seu caminho. Ela própria, no entanto, antes de lhe indicar uns amuletos pretos, garantiu-lhe que tudo ficaria bem. Provavelmente também em razão disso, ele viajava no machimbombo (ônibus) com mais tranquilidade, chegando, inclusive, a adormecer: “É que eu tenho uma

facilidade enorme para dormir e, naquele dia, após uma jornada familiar intensa na terra, esqueci-me, até, que atravessava uma das estradas mais perigosas do mundo” (SAÚTE, 2007, p. 100).

O sono, aliás, mas sobretudo o sonho, atua como elemento recorrente dessa narrativa, e, juntamente com as memórias, as reflexões e o registro das emoções, ajuda a compor o espaço psicológico do narrador. Ao mesmo tempo, o elemento onírico instala o leitor diante do questionamento acerca da veracidade do conteúdo narrado: Teria o conteúdo narrado de fato acontecido, ou seria tudo fruto da imaginação do narrador? De todo o modo, e a despeito dessa dúvida, é após o primeiro despertar (ou não) do narrador que a complicação narrativa se inicia. Nesse momento, somos informados que o machimbombo em que o narrador viajava fora atacado, ao que tudo indica, pelos matsangas – “Homens da Renamo, ao tempo movimento rebelde” (SAÚTE, 2007, p. 100), conforme nota do autor.

Em *A África na sala de aula*, Leila Leite Hernandez explica que a independência moçambicana em junho de 1975 não pôs fim à luta armada. Contudo, o conflito adquiriu uma dimensão internacional quando, em 1977, a Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique), movimento que estava no poder, “passou a fazer frente ao Mozambique National Resistance ou Resistência Nacional Moçambicana (MNR/Renamo) com o apoio da Rodésia, da África do Sul e dos Estados Unidos” (2005, p. 611). Ainda segundo Hernandez:

No plano interno, a Renamo ganhou a simpatia das chefias tradicionais e de suas respectivas populações, que se consideravam “simples fantoches” desde as resoluções do II Congresso da Frelimo. Além disso, havia um conjunto de tensões e conflitos regionais e inter-regionais que favoreceram a criação e o desenvolvimento da Renamo. Também parte da população não constatava melhorias em razão do novo governo, em especial as burguesias coloniais rodesianas e portuguesas. [...] A Renamo, sensível a esses descontentamentos, organizou-se militarmente. A guerra civil cresceu e se expandiu desde 1984, tornando-se representante das rupturas sociais e políticas das sociedades rurais moçambicanas. No entanto, a Renamo sequer previa um projeto de sociedade alternativo ao do Estado liderado pela Frelimo, o que limitava o movimento a combater o partido à frente do Estado, sem demonstrar uma real vocação pelo poder. (HERNANDEZ, 2005, p. 611-2)

Na narrativa de Saúte, ao se expor como vítima do ataque dos matsangas (termo de domínio popular cunhado a partir do nome do primeiro líder da Renamo, André Matsangaíssa), o narrador revela um posicionamento político-ideológico desfavorável à Resistência Nacional Moçambicana. Tal posicionamento parece se confirmar com o posterior estabelecimento de uma comparação implícita entre os homens sem sombra da aldeia mítica

de Tiko (local para onde o narrador teria se dirigido após o ataque ao ônibus) e os naparamas (grupo armado que apoiou a Frelimo e ao qual eram atribuídos poderes sobrenaturais), sendo ambos inicialmente valorizados pelo narrador.

Chama atenção, ao longo desse processo, o modo como “as crenças e as tradições religiosas populares interagiram com a vida política e social do conflito armado entre o governo e a Renamo” (MAHUMANE, 2003, p. 2) e posteriormente eclodiram no espaço imaginário da literatura. Como explica Mahumane:

[...] as dificuldades materiais e espirituais entre os intervenientes diretos (militares), provocadas sobretudo pela violência da guerra, levou [sic] a uma busca de proteção e condução da guerra dentro da lógica oferecida pelas crenças e tradições religiosas locais; neste processo, a crise provocada pela violência e expansão do próprio conflito armado, desestruturou as relações sociais levando também a população a recorrer às crenças e tradições religiosas para restabelecer o curso normal da vida. (MAHUMANE, 2003, p. 4)

Desse modo, é possível afirmar que os fatos que Saúte registra em sua narrativa não são de toda invenção, pois, assim como a população se apegava, no contexto da guerra civil moçambicana, às crenças e tradições religiosas locais, também o narrador de “A terra dos homens sem sombra o faz”. Eis, então, a razão pela qual ele afirma que a visão dos habitantes daquele aldeia mítica era capaz de lhe trazer grande conforto: “Nada daquilo poderia fazer lembra-nos de que estávamos em um país em guerra. Ali celebrava-se a vida” (SAÚTE, 2007, p. 98). Já sobre os naparamas, ele acrescenta em seguida: “Chegamos a pensar que os naparamas pudessem trazer-nos a paz. Presumo que fosse obra operada pelo cansaço da violência e da guerra. A esta distância é possível discernir, mas naqueles tempos todo sinal de esperança era o caminho que almejávamos” (SAÚTE, 2007, p. 99).

Os sujeitos e os objetos

Como mencionado anteriormente, tempo e espaço constituem categorias que configuram a História. Porém, para sua existência faz-se necessária a presença de um sujeito realizador de ações e de transformações, que funciona como ponto de interseção entre tais categorias. No âmbito ficcional, de igual modo, além da existência do tempo e do espaço, é também necessária a existência de sujeitos, chamados, neste caso, de “personagens”.

Na visão de Antonio Candido, é “geralmente com o surgir de um ser humano que se declara o caráter fictício (ou não fictício) do texto, por resultar daí a totalidade de uma

situação concreta em que o acréscimo de qualquer detalhe pode revelar a elaboração imaginária” (CANDIDO, 2009, p. 23, grifo do autor). Assim, enquanto em um texto ficcional as coordenadas de tempo e de espaço “são possíveis somente a partir do narrador fictício, ou do foco narrativo colocado dentro da personagem, ou onisciente, ou de algum modo identificado com ela” (CANDIDO, 2009, p. 24), em um texto histórico, ao contrário, o historiador teria que usar construções como “no dia seguinte” em vez de “amanhã”, “já que não pode identificar-se com a perspectiva de uma pessoa, sob pena de transformá-la em personagem” (CANDIDO, 2009, p. 25).

Para marcar, então, o desejo do narrador de “A terra dos homens sem sombra” de ficcionalizar a história e de contá-la como se fosse uma lenda, são a ele associados advérbios e locuções adverbiais de tempo e lugar, capazes de veicular a sua percepção espaço-temporal a partir de uma percepção “de dentro”: “Quando acordei, à volta era o cenário imperfeito da destruição.” (SAÛTE, 2007, p. 100); “A noite anunciava-se. O silêncio cobria a paisagem. Nem sequer havia pássaros. Um panorama de cinzas” (SAÛTE, 2007, p. 101). Consequentemente, o narrador transita da categoria de objeto (tal como seria percebido pelo discurso histórico) para a categoria de sujeito, ao se apresentar como um ser que sabe dizer “eu” (CANDIDO, 2009).

Na narrativa em questão, também as ações atribuídas ao narrador pontuam a subjetividade de seu discurso. Desse modo, é o ato de recordar que permite ao narrador experimentar o passado, revisitar as experiências e, a partir dos conhecimentos obtidos com o passar do tempo, tentar compreender o que se vivenciou. Sendo, no entanto, um processo conduzido a partir da memória (e que presume, portanto, também o esquecer), não surpreende o fato de o narrador recordar as imagens do massacre, mas não se lembrar o motivo pelo qual não havia coluna naquele dia para o regresso (o que implicou em viajar sem escolta no território perigoso, palco da guerra). “Tinha que voltar a Maputo e nesse dia não havia coluna, não recordo por que razão. Decidi, não obstante, empreender a viagem, enfrentar o caminho” (SAÛTE, 2007, p. 98).

Fato semelhante ocorre quando, no momento imediatamente posterior ao ataque, o narrador não se lembra de tudo o que se sucedera:

Nada mais recordo daquele momento. Devo ter desmaiado. Quando acordei, à volta era o cenário imperfeito da destruição.

- Estás vivo, irmão?

Olhei e tive um susto ainda maior que o das bazucadas. Parecia um fantasma. Aquele homem tinha o rosto coberto de pedaços de pele queimada.

Era escuro, demasiadamente escuro, apenas se vislumbrava com alguma nitidez a cor mais clara dos seus dentes. Penso que não cheguei a responder-lhe. A minha tentação foi fugir daquele fantasma. Ele agarrou-me pelas mãos. A minha tentação foi fugir daquele fantasma. Ele agarrou-me pelas mãos. Temi que fosse um homem assombrado, tantas eram as histórias que ouvia daqueles que voltavam depois de mortos para desassossegar os vivos, que já viviam atormentados. (SAÚTE, 2007, p. 100)

No fragmento acima transcrito, é a partir de suas observações enquanto sujeito (ficcional) que o narrador expõe o momento em que encontrou Sontinho, o sobrevivente ao ataque do ônibus que posteriormente o conduziria à aldeia povoada de pessoas “assombradas” (sem sombras) como ele. Contudo, além de relatar a experiência do encontro, o narrador registra também as experiências contadas pelo outro viajante (também referido como Constantino e Arantes), confirmando a fala de Walter Benjamin afirma que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (1994, p.198):

O homem tinha uma grande necessidade de relatar a sua biografia:
- Na verdade ninguém me chama pelo nome que vem no bilhete de identidade. Sou Arantes, estive para ser Edson Arantes, mas o meu pai gostou mais do Arantes apenas. A ideia do nome não veio dos meus pais, mas do professor da aldeia que viria a ser meu padrinho. Como nasci num domingo, ganhei alcunha de Sonto [domingo]. Para os meus irmãos e amigos fiquei Sontinho. (SAÚTE, 2007, p. 101-2)

É também ao contar sua história que o narrador parece aludir à gênese do mito dos naparamas, revelando, a partir do relato (em sonho) de Sontinho, como estes perderam suas sombras no dilúvio que vitimou a aldeia.

Grupo de guerrilheiros comandado por Manuel António Naparama, os naparamas – “legendários guerreiros imunes à bala” (SAÚTE, 2007, p. 99), conforme nota do autor –, de fato existiram e receberam o apoio da Frelimo durante a guerra civil moçambicana. Em “The vagaries of violence and power in post-colonial Mozambique”, o Gerhard Seibert (2003) nos explica que, nesse período, a crença em espíritos e em poderes mágicos estava amplamente espalhada em meio à população e era divulgada pela Renamo e pela Frelimo. A Renamo, por exemplo, afirmava, em seu discurso de propaganda, que lutava em aliança com espíritos ancestrais e acusava o partido no poder de desrespeitar a cultura e a religião locais. Também entre os seguidores da Frelimo, as crenças em poderes sobrenaturais estavam presentes, tendo sido registrados relatos de soldados que frequentemente pediam aos naparamas seus amuletos para que eles próprios se tornassem resistentes a balas. (SEIBERT, 2003)

Ainda, segundo Seibert:

As a result of the inability of government forces to protect the population, an armed peasant movement known as Naparama (meaning ‘irresistible force’ in the Makua language) emerged in Nampula in 1988, where it successfully fought against Renamo and subsequently expanded to Zambezia. Naparamas, who were armed with traditional weapons such as assegais and machetes, were feared because of their supernatural powers that involved what Wilson calls a ‘cult of counter-violence’. Before they got their weapons, the peasant soldiers, who wore a red ribbon attached to their clothes, were initiated by being vaccinated with a medical plant that was rubbed into three cuts in their chests before they were plunged into water and had their bodies greased with oil. The commanders were initiated by the leader Manuel António, a Makua curandeiro who claimed to have died of measles only to be resurrected from the dead six days later and thought by Jesus Christ to make anti-bullet vaccines. The syncretic Christian elements in António’s religious discourse distinguishes it from Renamo’s ritual powers that were derived from ancestral religious traditions. (SEIBERT, 2003, p. 274-275)

O líder messiânico acima descrito era um jovem com pouco menos de 30 anos de idade. De forma semelhante, na aldeia mítica de “A terra dos homens sem sombra”, é um jovem que lidera o grupo: “a aldeia não era comandada por nenhum velho, como é usual. O chefe era um jovem que reunia um conselho de sábios para deliberar sobre os conflitos ou os assuntos mais candentes daquela comunidade” (SAÚTE, 2007, p. 103). Além disso, de Manuel António Naparama não consta nenhum registro fotográfico, fato que alimentava a crença local de que ele seria tal como um Cristo ressuscitado. A esse respeito convém destacar que, na narrativa de Saúte, a perda das sombras pelos habitantes da aldeia mítica está associada a um forte temporal:

O dilúvio tinha engolido uma aldeia inteira. Na altura, a televisão era algo que estava por chegar, pelo que não há registos de imagem, conhecem-se algumas fotografias que eram reproduzidas nos jornais, onde mal se distinguiam árvores e pessoas num panorama devastado. Os que emergiram da tragédia dias depois eram pessoas incólumes, mas desprovidas de suas sombras. Reergueram a aldeia, cultivaram novas machambas, criaram gado. A sombra tinha desaparecido com a maldição que atravessa o país. (SAÚTE, 2007, p. 109)

Como se pode perceber, os naparamas possuem existência histórica e, simultaneamente, são cercados por lendas, devido à sua participação no conflito da guerra civil. A principal lenda diz respeito à sua invencibilidade para os matsangas, e a isto está relacionada a ausência de sombra. Segundo Chevalier e Gheerbrant, “a sombra é considerada por muitos povos africanos como a segunda natureza dos seres e das coisas e está geralmente ligada à morte” (2007, p. 842). Como para existir sombra, faz-se necessário a presença de um

corpo que não permita a passagem da luz, não possuir sombra parece indicar, na narrativa de Saúte, que os *naparamas* seriam invencíveis por serem espíritos que teriam perdido seus corpos durante o dilúvio; portanto, homens que já teriam passado pela experiência da morte e assim imortalizados.

A crença em amuletos e em elementos sobrenaturais, comum naquele período de conflitos, também é sinalizada, na narrativa em estudo, pela personagem Fina, a curandeira que joga as pedras para ler o futuro do narrador e que lhe dá alguns amuletos pretos. Assim, apesar de, no início do conto, o narrador referir que tinha ido a uma missa de seu avô (evidenciando, com essa afirmação, a presença do cristianismo em Moçambique), antes da viagem de retorno para a capital, é à curandeira que o narrador se dirige a fim de saber sobre seu futuro e obter proteção.

Também os *matsangas* são ficcionalizados na narrativa de Saúte, referidos pelo mesmo nome pelo qual é de fato denominado esse grupo de guerrilheiros. A introdução destes na ficção com seu nome próprio permite ao leitor acessar sua bagagem histórica. Ou seja, são reconhecidos pelo leitor segundo o conhecimento prévio que sobre eles possui. Suas características e feitos tornados conhecidos através de relatos orais ou mesmo historiográficos entram de modo imediato na ficção, dispensando maiores informações. Desta forma, a caracterização minuciosa que poderia ser necessária à personagem ficcional torna-se dispensável. No entanto, embora reconhecidos a partir de seu nome, seus feitos na ficção não correspondem necessariamente ao universo histórico real.

Assim como não há detalhamento sobre os *matsangas*, os *naparamas* são mencionados, mas não descritos, assumindo-se que apenas a partir da menção de seu nome o leitor irá ativar seus conhecimentos e dispensar a caracterização por parte do narrador.

Considerações finais

Em “A terra dos homens sem sombra”, contar os fatos ocorridos na década de 1980, em Moçambique, como se fossem uma lenda implica não ter a pretensão de apresentá-los como a história o apresentaria, ou seja, a partir de documentos que atestem a veracidade dos fatos conturbados que marcaram a história recente moçambicana. Ao mesmo tempo, equivale a destacar a exemplaridade dos eventos narrados (ambientados no contexto da guerra civil

moçambicana) ou dos personagens neles envolvidos, por meio de sua singularidade e do modo como afetaram, com suas ações, a sociedade.

A lenda funciona também como repositório de eventos, uma memória de feitos incomuns, constantemente revisitada por membros de uma sociedade, sendo portanto, didática, fornecendo um modelo de comportamento a admirar e/ou seguir. Gênero vinculado à tradição oral africana, evidencia, ao ser referido em “A terra dos homens sem sombra” que “a tradição oral ainda está viva na África hoje, apesar da influência ocidental” (SCHIPPER, 2006, p. 11).

Embora o discurso ficcional e o discurso histórico sejam marcados pela narratividade, o modo de narrar de ambos é distinto, ainda que, em algumas circunstâncias, possa apresentar-se como assemelhado, relativizando-se os limites entre história e ficção. Essa distinção pode ser percebida em “A terra dos homens sem sombra” por meio de alguns procedimentos narrativos empregados por Nelson Saúte, sobretudo os vinculados ao tempo, ao espaço e às ações dos sujeitos descritos.

Neste processo o desejo de “contar uma história como se fossem uma lenda” se, por um lado, aproxima a história recente moçambicana da ficção, por outro, marca as peculiaridades de cada um desses registros. Ao mesmo tempo, os recortes de tempo, de espaço, de sujeitos e objetos (presentes na narrativa), sugerem novas formas de organização e de percepção histórico-social e política, por meio de relações de ruptura e de continuidade com práticas e discursos já existentes.

Tais recortes permitem refletir sobre a história recente moçambicana na perspectiva literária que, de modo distinto da historiográfica, abre-se ao imaginário criativo e convoca outras experiências e procedimentos narrativos para além do atestável e documental, como sonhos, metáforas e símbolos no tratamento de eventos históricos de dimensão política. Da mesma forma, espaços imaginários, além dos geográficos e políticos configuram-se como cenários para o desenrolar das ações apresentando outra esfera interpretativa. Tem-se, então, literariamente referenciadas, outras formas de se pensar Moçambique em meio à guerra, outros modos de lidar com a desventura de viver em um contexto povoado pela morte.

Completa a tríade “tempo, espaço, sujeitos e objetos”, o sujeito que vivencia a história e narra sua experiência em meio à guerra, optando por uma forma narrativa que é ficcional, embora possua elementos da matéria histórica – ou seja, sem fugir dos fatos acontecidos em Moçambique e que repercutiram social e politicamente no país.

REFERÊNCIAS

- BARROS, José D'Assunção. História, espaço e tempo: interações necessárias. *Varia história*, v.22, n.36, p. 460-475, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752006000200012&script=sci_arttext>. Acesso em: 30 out. 2014.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1).
- BLOCH, Marc. *Introducción a la historia*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- BRÜCK, Tilman. Guerra e desenvolvimento em Moçambique. *Análise Social*. v. 33, p. 1019-1051, 1998. Disponível em <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1221844645N4pCJ4py0Bk40IF4.pdf>>. Acesso em 29 out. 2014.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 21ª ed. Trad. Vera da C. e Silva [et al.]. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e personagem. In: *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- COELHO, João Paulo Borges. Da violência colonial ordenada à ordem pós-colonial violenta. *Lusotopie*, 2003, p. 175-193. Disponível em <<http://www.lusotopie.sciencepobordeaux.fr/borges2003.pdf>>. Acesso em 17 de janeiro de 2008.
- COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano? E outras interinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ELIAS, Norbert. apud MARTINS, Mônica M. A questão do tempo para Norbert Elias: reflexões atuais sobre tempo, subjetividade e interdisciplinaridade. *Revista de Psicologia Social e Institucional*. v. 2. nº 1. Jun/2000. Disponível em <<http://www.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n14.htm>> Acesso em 3 nov. 2014.
- FONTES, Maria Aparecida R. Do tempo real ao tempo imaginário as anacronias nas narrativas de idosos. *Cadernos do CNLF*. Série IV. nº05 _A FFP no IV CNLF. 2000. Disponível em <http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ05_47-54.html> Acesso em 3 nov. 2014.
- HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula*. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- MAHUMANE, Jonas Alberto. *Crenças e tradições religiosas na guerra entre a Frelimo e a Renamo*. 2003, 67 f. Dissertação (Licenciatura em História) – Departamento de História. Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2003. Disponível em <<http://www.saber.ac.mz/bitstream/10857/1503/1/Ht-134.pdf>>. Acesso em 13 out. 2014.
- MARTINS, Leda Maria. A oralitura da memória. In: FONSECA, Maria N. S. *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- OLIVEIRA, Eduardo. *Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira*. Curitiba: Gráfica Popular, 2007.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2007.
- RANCIÈRE, Jacques. “Política da Arte”. In: Encontro Internacional Situação # 3 Estética e Política. 2005, São Paulo. Anais eletrônicos. São Paulo: São Paulo S.A. práticas estéticas, sociais e políticas em debate, 2005. Disponível em <<http://www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/206.rtf>>. Acesso em: 15 mar. 2007.
- RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- SAÚTE, Nelson. *Rio dos bons sinais*. Rio de Janeiro: Língua geral, 2007.

SCHIPPER, Mineke. “Literatura oral e oralidade escrita”. In: QUEIROZ, Sônia (org.). *A tradição oral*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

SEIBERT, Gerhadt. “The Vagaries of Violence and Power in Post-Colonial Mozambique”. In: Jan Abbink, Mirjam de Bruijn, Klaas van Walraven (orgs.). *Rethinking Resistance: Revolt and Violence in African History*. Leiden: Brill, 2003. Disponível em <http://www.artsrn.ualberta.ca/amcdouga/Hist247/winter_2014/readings/mozambique_seibert.pdf>. Acesso em: 10 out. 2014.

Artigo recebido em fevereiro de 2016.

Artigo aceito em maio de 2016.